

# ‘Desagravo’ da gramática portuguesa (1820-1824) – Contribuições para uma historiografia das polémicas gramaticais em Portugal

Filomena Gonçalves

mfg@uevora.pt

CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História,  
Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

*Desagravo. Satisfação que se toma do agravo. Desagravo da reputação  
offendida, da injúria que se fez ao crédito.*

Rafael Bluteau

## 1. Precedentes

Desde a sua origem, a gramática mostrou-se propensa a polémicas, porquanto nela, como género codificador, sempre repercutiram conceitos e metalinguagens que traduzem o compromisso teórico dos autores. Da polarização conceptual, metalinguística e pedagógica em torno da gramática constitui bom exemplo a polémica da ‘gramática latina’ (Freire 1964; Lima 1981; Andrade 1982; Torres 1998; Gonçalves 2006b), na qual, entre outros nomes relevantes do Portugal de Setecentos, intervieram Luís António Verney (1713-1792) e António Pereira de Figueiredo (1725-1797), autores que pugnaram pela renovação dos métodos e das práticas, alinhando no chamado ‘iluminismo linguístico’ (Gonçalves 2006a). Embora a contenda se centrasse no método de ensino e na organização da gramática latina, nem a língua nem a gramática portuguesa ficaram arredadas da discussão, já que então se reivindicava, ademais da implicação do idioma no processo de ensino-aprendizagem, na esteira da valorização dos vernáculos modernos como línguas da comunicação científica, a simplificação estrutural e expositiva da gramática. Ora, a aprovação da obra de António José

dos Reis Lobato<sup>1</sup> para o ensino do português inscreve-se precisamente numa política linguística em que à gramática nacional cabia um papel relevante na formação intelectual dos jovens. Isso explica que ao emaranhado de regras e excepções que caracterizava os manuais dos partidários da gramática alvaresiana<sup>2</sup>, contrapusessem os Oratorianos (Lima 1981) uma gramática cuja organização, com vista à utilidade e eficácia do ensino-aprendizagem, atendesse a ‘princípios’<sup>3</sup> ou regras comuns, conforme defendera, inspirado no racionalismo de Sánchez de las Brozas, o seiscentista Amaro de Roboredo, que ainda no século XIX continuava a emprestar epígrafes a gramáticas assumidamente filosóficas, como a de Joaquim José de Campos Abreu e Lemos (1822). Aquela linha racionalista, redesenhada a partir do modelo port-royalino (1660), havia sido reavivada, *mutatis mutandis*, graças ao influxo filosófico das Luzes, período em

---

<sup>1</sup> A sua *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa* tornou-se manual oficial em Alvará régio de 30 de Setembro de 1770: “Sou servido ordenar que os Mestres de Língua Latina, quando receberem nas suas Classes os Discipulos para lha ensinarem, os instruaem previamente por tempo de seis mezes, se tantos forem necessarios para a instrucção dos Alumnos, na Grammatica Portuguesa, composta por Antonio Jose dos Reis Lobato, e por mim approvada para o uso das ditas Classes, pelo methodo, clareza, e boa ordem, com que he feita”. Com este método se pretendia seguir o exemplo das “Naçoens illuminadas” e “adiantar a cultura da língua Portuguesa” para que “possa haver Vassallos úteis ao Reino”. No entanto, segundo Jerónimo Soares Barbosa (1807: XI), a imposição do ensino da gramática da língua materna precedesse o da latina não tivera aplicação prática: “Não consta que este Alvará tivesse execução alguma, não obstante vigiar sobre sua observância o mesmo Tribunal, que o tinha promovido”.

<sup>2</sup> Sob o foco das Luzes e do racionalismo que àquelas estava subjacente, o método seguido em tais manuais era pernicioso à formação dos jovens, consoante mostra o célebre Alvará de 30 de Junho de 1759: “Tendo consideração outrosim a que, sendo o estudo das Letras Humanas a base de todas as Sciencias, se vê nestes Reinos extraordinariamente decahido daquelle auge, em que se achavaõ quando as Aulas se confiarão aos Religiosos Jesuitas; em razão de que estes **com o escuro, e fastidioso Methodo, que introduziraõ nas Escolas destes Reinos, e seus Domínios; e muito mais com a inflexível tenacidade, com que sempre procuraraõ sustentallo contra a evidencia das solidas verdades**, que lhe descobriraõ os defeitos, e os prejuízos do uso de hum Methodo, que, depois de serem por ele conduzidos os Estudantes pelo longo espaço de oito, nove, e mais annos, se achavaõ no fim delles taõ illaqueados nas miudezas da Grammatica, como destitu”dos das verdadeiras noçoens das Línguas Latina, e Grega, que se tem feito familiares a todas as outrs Naçoens da Europa, que aboliraõ aquele pernicioso Methodo; dando assim os mesmos Religiosos causa necessária á quasi total decadencia das referidas duas Línguas; sem nunca já mais cederem, nem á invencível força do exemplo dos maiores Homens de todas as Naçoens civilizadas [...]”. O negrito é nosso.

<sup>3</sup> Na sua *Grammatica Latina* (1816[1758]: VII-VIII), Verney sublinhava: “[...] a noticia fundamental das regras commuas de Grammatica, e de todas as suas miudezas, he o material da obra: mas o formal está no methodo ou ordem, que se lhe da: e sem este não se compõem obra, que preste”. A este novo método estava associado o conceito de sistema, ao qual também Verney se refere mais adiante: “[...] em duas palavras, huma boa Grammatica he hum systema de doutrina bem concebido, e bem ordenado. E só as Logicas modernas são as que ensinão a compor hum bom systema: quero dizer: compor qualquer doutrina systematicamente” (Verney 1816 [1758]: VIII-IX).

que a *grammaire générale* (Arrivé 1975: 61-120) destrinça os ‘princípios gerais’, consonantes com categorias lógicas universais, dos ‘princípios particulares’, referentes à especificidade (*idiotismo*)<sup>4</sup> de cada língua.

Na polémica da gramática latina, o confronto das posições anuncia-se nos títulos dos continuadores da gramática de Manuel Álvares e dos seus impugnadores setecentistas, títulos esses que mostram quer a oposição ideológica e metagramatical em presença – *Alvarista defendido, Antiprologo Critico, Antiprologo Critico e Apologetico, Antídoto Gramatical, Contramina Gramatical, Defesa do Novo Methodo da Grammatica Latina* (Torres 1998: 19-37; Hassler 2006) –, quer o jogo de réplicas e contra-réplicas inerentes à polémica<sup>5</sup>.

Ao contrário desta polémica setecentista, cuja repercussão, efeitos e duração ninguém ignora (Lima 1981), a dos anos vinte do século XIX não conheceu nem o alcance nem as consequências daquela, tendo passado despercebida nos estudos da gramaticografia portuguesa. Resulta claro que os contextos históricos, sociais e ideológicos em que uma e outra se desenrolaram são distintos, ainda que à segunda não sejam totalmente alheios os ideais iluministas que nortearam a primeira: se em Setecentos, a necessidade se substituir os manuais inicianos<sup>6</sup>, o emergir do Iluminismo e as reformas do ensino demandavam uma racionalização da gramática (latina ou portuguesa) de molde “geral” ou “filosófico”, já nas primeiras décadas de Oitocentos, com o liberalismo (Verdelho 1981; Serrão 1992; Gonçalves 2009b) e as ideias revolucionárias em pano de fundo, o debate incide na teoria “ideologista”, facto tanto mais importante quanto é sabido que a gramática geral se caracteriza, entre nós, pelo pendor eclético, consoante mostram as de João Crisóstomo do Couto e Melo (1818) e Jerónimo Soares

---

<sup>4</sup> Para Bluteau (1713: 30), o termo remetia para a variação sociolectal: “Modo de fallar plebeio; Phrase popular”. No entanto, o termo passará a referir qualquer traço específico de dada língua, como seria o caso do infinitivo pessoal que era descrito como idiotismo do português.

<sup>5</sup> A polémica redundou, por outro lado, num melhor conhecimento da tradição gramatical, conforme sublinha J. Vicente Gomes de Moura: “Estas controvérsias entre Oratorianos e Alvaristas, como versavam sobre matérias de Gramática Latina, levaram ambos os partidos ao exame mais sério dos monumentos da língua para provarem suas asserções; e puseram os leitores em circunstância de julgar da bondade, ou da importância dos dois métodos e das doutrinas de ambas as escolas” (Moura 1823: 356).

<sup>6</sup> A expulsão dos Jesuítas, em 1759, implicou a adopção de manuais que estivessem sintonizados com as orientações da Reforma. Porque o livro escolar, como instrumento ou ferramenta do ensino-aprendizagem, reflecte e transmite as correntes vigentes na sociedade, é evidente que não se tratava de mera substituição de uns materiais por outros, porquanto, como bem salienta Maria Helena Teves Costa (1979: 287), “o livro escolar resulta de uma metodologia e didáctica, que por sua vez se insere numa corrente pedagógica e esta, numa visão global do mundo e da situação do homem nele, isto é, numa ideologia e numa cultura”.

Barbosa (1822). Porque se prende com a recepção da *Idéologie* (Baum 1982; Schäfer 1991, 1994), a polémica do *Desagravo* merece ser inscrita na história das ideias linguísticas e gramaticais em Portugal.

## 2. A polémica do *Desagravo*: os intervenientes

Os dados biográficos colocam os polemistas em extremos opostos tanto no que respeita à orientação política como na perspectiva gramatical. A *Grammatica Portugueza* (1820) foi publicada por Sebastião José Guedes de Albuquerque (1800-?), cirurgião da Escola de Lisboa. A crer em Inocêncio da Silva<sup>7</sup> (1859: 216), um dos poucos a comentar a polémica suscitada por aquela *Grammatica* (Cardoso 1994: 136), o verdadeiro autor da obra seria Fr. José da Encarnação Guedes, tio de Guedes Albuquerque, que teria ocultado a sua identidade porque, sendo franciscano, não poderia auferir os lucros da publicação. Antes da *Grammatica Portugueza* já havia dado à estampa uma *Arte de Traduzir de Latim para Portuguez, reduzida a principios* (1818). Ambas eram dedicadas ao Illustríssimo Senhor D. Francisco de Sales e Lencastre (1811-1840), Conde das Alcáçovas, que lutou nas guerras liberais, o mesmo lado em que combateu o gramático.

O outro interveniente, Joaquim José de Campos Abreu e Lemos (1780-1863), foi professor de gramática latina em Freixo de Numão, em Trancoso e no Fundão<sup>8</sup>, tendo publicado uma *Grammatica Elementar da Lingua Latina por Systema Filosofico*<sup>9</sup> (1822). No *Desagravo da Grammatica, ou Reflexões sobre a Grammatica Portugueza* (1820), opúsculo de 84 páginas, Lemos examina criticamente a doutrina de Guedes Albuquerque, com quem se envolve numa polémica: este responde ao *Desagravo* com uma *Réplica ao Desagravo da Grammatica* (1821); Lemos volta à carga com a *Sustentação do Desagravo da grammica* (1822) e Guedes dá *Resposta à Treplica sobre a Replica ao Desagravo da Grammatica* (1822). Apesar de a polémica não encontrar eco em outros autores, em 1823 e 1824 deu o mote para a *Elaboração antilógica*

---

<sup>7</sup> Ainda segundo Inocêncio, Sebastião Guedes de Albuquerque teria viajado para França em 1828.

<sup>8</sup> Participou na campanha peninsular e, a partir de 1828, nas lutas civis, apoiando a causa miguelista. Por volta de 1857, exercia cargos municipais no Fundão.

<sup>9</sup> No “Prefação” à obra, enumera as fontes estrangeiras e portuguesas que lhe serviram de exemplo: “Para o desempenho de huma tão ardua empreza consultei os melhores Grammaticos, como: *Vossio, Sanches, Perisonio, Linacro, Vernei, Port-Royal, Mr. Du Marsais, Girard, Beauzée e Gebelin*; tendo igualmente em vista as Artes Grammaticaes de *António Pereira, Felis Mendes, Dantas, Maia, Mello, e Jeronymo Soares Barbosa*, sem que pozesse de parte as do *Padre Manoel Alvares, Feijó, Franco, &c*” (Lemos 1822: VI).

*ou grammatica das grammaticas portuguezas e grammatica universal. Diver-timento suscitado sobre o Desagravo da grammatica, seguida da Elaboração antilógica 3º ponto, sobre o prefacio do Desagravo da Grammatica, que Xavier Gaioso assinou em tom jocoso a propósito do Desagravo. Não há notícia de novas réplicas.*

### 3. Os contornos da polémica

Com a sua *Grammatica Portugueza*, Guedes Albuquerque visava um duplo objectivo: opor-se à recepção, em Portugal, da ‘gramática geral’ ou ‘gramática filosófica’ de inspiração ideológica ao mesmo tempo que reagia ao programa da Real Academia das Ciências, no qual se previa a publicação de uma gramática daquela estirpe. As palavras do gramático não deixam dúvidas quanto ao repúdio da ‘nova theoria das línguas’ – a *Idéologie* –, fundado em argumentos de ordem religiosa e filosófica:

Basta ler o Programa em que a Real Academia das Sciencias de Lisboa manifestou o desejo de huma Grammatica philosófica da Língua Portugueza, accommodada ao ensino da Mocidade nas Escolas das primeiras letras para que convencer que, o que ella quer, he huma Grammatica de que a lição attenda e reflectida faça ver, prescindindo-se das luzes da Revelação, como as linguas se pudêrão formar naturalmente, e chegar com o andar do tempo, ao maior grão de perfeição de que são susceptíveis as producções do Espirito humano. Não me admira ter o publico passado quarenta annos na expectação dessa portentosa producção; além da difficuldade da empreza, quem havia de pegar na penna com a certeza, ou quando menos, o risco de perder seu tempo, e de receber. Em paga do seu trabalho, a applicação do parto da Montanha.

*Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus?*

O que me admira he que, sem averiguar que sequito tinham no seu paiz os Authores dessa nova Theoria das línguas, de que ella aconselha a lição, sem reparar que, sob o pretexto de remontar á fonte dos conhecimentos humanos, o seu fim, ora confessando ingenuamente os limites de sua intelligencia, quando esta confissão he sem consequencia alguma, ora negando peremptoriamente a existencia de quanto passa dos limites da mesma intelligencia na hypothese que não lhes faz conta admittir, he extender o seu scepticismo até onde convem a seu systema; o Corpo, que em seu seio reúne as mais brilhantes luzes da Nação, se capacitasse realmente da possibilidade de converter em alimento sadio para a Mocidade, o veneno preparado e offerecido por esses Especuladores estrangeiros” (Albuquerque 1820: 5-6).

Cunhado por Destutt de Tracy, o termo *Idéologie*<sup>10</sup> (1754-1836) remete para a origem e a formação das ideias. À luz de tal Ideologia, a gramática, sem deixar de ser a “science des signes”, é sobretudo a “continuation des sciences des idées” (Destutt de Tracy 1803: 421), uma vez que o estudo das faculdades intelectuais devia preceder o da gramática e o da lógica (Destutt de Tracy 1803: 7), concepção que, de algum modo, contactava com o sensismo ou sensorialismo de Etienne Bonnot de Condillac (1714-1780), o filósofo de Grenoble que inspirara os chamados *Idéologues* (Désirat 2000). A estes se refere Guedes de Albuquerque (1820: 6), quando comenta as tendências da gramática europeia:

Em Inglaterra, a Grammatica que anda nas mãos da Mocidade he a de Murray, e em França, a de Lhomond reunio os sufrágios do Jury d’instrucção publica, a quem Condillac, o Coryptheo dos Ideologistas, não era desconhecido.

Tal como naqueles países, em Portugal, o ‘clima de opinião’, vale dizer, o contexto de produção dos materiais pedagógico-didáticos, não terá sido aspecto de somenos na circulação das ideias filosóficas e linguísticas. Para se compreender a polémica gramatical entre Lemos e Albuquerque, importa sumariar o estado da gramaticografia portuguesa nas primeiras décadas de Oitocentos. Por volta de 1820, já tinham vindo a lume gramáticas filosóficas como as de Melo Bacelar (1783), Sousa de Dias (1804), Morais Silva (1806), Soares Barbosa<sup>11</sup> (1807), Pinheiro e Aragão (1812), Couto e Melo (1818) e Leite Ribeiro (1819), as duas últimas influenciadas pela *idéologie* (Schäfer 1991: 103-111), vindo depois a lume a gramática de Jerónimo Soares Barbosa (1822), à qual, junto com a de Dias de Sousa, se refere Abreu e Lemos<sup>12</sup>, que em tudo as tem como mais acertadas que a de Albuquerque. Se alguma característica define bem a versão portuguesa da gramática geral é o seu ecletismo, resultado da confluência terminológica e conceptual de distintas soluções evolutivas da *grammaire générale*, porquanto na portuguesa foram integrados, não raro apenas em notas,

---

<sup>10</sup> É o autor dos *Éléments D’Idéologie*, publicados entre 1801 e 1803. A teoria de Destutt de Tracy relacionava-se com a corrente sensista ou sensualista, do filósofo Etienne Bonnot de Condillac (1714-1780). Neste tinham os *Idéologues* um mestre.

<sup>11</sup> Trata-se da primeira gramática de Soares Barbosa, intitulada *As duas Línguas ou Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa comparada com a Latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo*, publicada em Coimbra em 1807.

<sup>12</sup> Segundo Lemos (1820: VIII), àqueles gramáticos se devia a introdução, entre nós, da gramática filosófica ou geral: “[...] cujas doutrinas nos tem já sido communicadas pelos nosso sapientíssimos Grammaticos, Manoel Dias de Sousa, Jeronymo Soares Barbosa, Deputado da Real Junta da Drectoria Geral dos Estudos na Universidade de Coimbra, e outros [...]”.

contributos mais ou menos explícitos do logicismo cartesiano (Joly 1977) e port-royalino (Delesalle 1986: 85-88) do ‘sensismo’ condillaciano e da *Idéologie* de Tracy, hibridismo doutrinal que requer rastreio das influências e, sobretudo, um fino cotejo textual. No que tange ao contexto escolar e institucional do primeiro quartel de Oitocentos, é de realçar que algumas Escolas procuravam acompanhar o que então constituía a vanguarda gramatical. Com efeito, na década de vinte, João Crisóstomo do Couto e Melo (Gonçalves 1996, 2009a) dirigia a Escola Militar, onde seguia o método Lancasteriano (ou Método de Ensino Mútuo) e havia adoptado uma *Gramática Filosófica* de sua autoria, e que, como referido atrás, apresenta influências do sensismo e da *Idéologie*. Couto e Melo, ao invés da maioria dos gramáticos – Jerónimo Soares Barbosa, por exemplo, raras vezes indica as suas fontes –, não só as menciona como delas faz citação. Nesse rol se incluem os seguintes autores da *grammaire générale* e enciclopedistas: Du Marsais (1676-1756), Duclos (1704-1772), De Brosses (1709-1777), Batteux (1713-1780), Condillac (1714-1780), D’Alembert (1717-1783), Nicolas Beauzée (1717-1789), Sicard (1742-1822) e Garat (1749-1833). Aos dois últimos, conhecidos *idéologues*, não acrescenta o nome de Destutt de Tracy. Por último, refira-se que o Programa da Real Academia das Ciências previa a publicação de uma gramática filosófica, tendo para o efeito realizado um certame em que não saiu premiada nenhuma das obras concorrentes. No entanto, em 1822, é impressa, com a chancela da Academia, a *Gramática Philosophica* de Soares Barbosa, sócio académico que morrera em 1814, deixando a obra inédita.

A par do terreno filosófico e gramatical, também no ideológico e político se manifestava o influxo francês, conforme indica o facto de não serem poucos os revolucionários afectos à *Idéologie*. Todavia, o português Guedes Albuquerque, não obstante ser adepto das ideias liberais, não nutria apreço pelos *ideologistas*, cuja teoria gramatical conheceria bem, pois refere Condillac, “Coryphee dos Ideologistas” e os *Elementos de Gramática Francesa* (1780), de Charles Lhomond<sup>13</sup> (1727-1794), obra que Miguel de Bourdieu, reitor do Colégio Francês em Lisboa, verteu em português em 1817, tradução que registou pelo menos 4 edições até 1851. Abreu e Lemos, que não alinhou com os liberais, critica o *Mestre Guedes* porque este expõe “principios oppostos, regras menos verdadeiras, e finalmente um systema, que desmente aquele conceito [gramática filosófica], que delle tinha formado” (Lemos 1820: IV).

---

<sup>13</sup> Em 1805, após a morte do Abade Lhomond, Letellier publicará uma edição revista, corrigida e aumentada dos *Elementos*.

Embora defina a gramática como ‘ciência dos sinais’ e assuma a distinção entre a gramática geral e a particular<sup>14</sup>, Guedes e Albuquerque rejeita, porém, a *Ideologia*, considerando-a uma teoria inadequada ao ensino elementar pois, ademais de requerer conhecimentos próprios de um “Philosopho”, poderia ter efeitos funestos sobre a Mocidade. Na teoria dos “Ideologistas” vê o *Mestre Guedes* (na expressão do seu oponente) uma verdadeira *apostasia* ou *Zoologia* que, ao arrepio da concepção de “Deos como Author da Natureza”, procurava “os signaes do pensamento nas creaturas” (Albuquerque 1820: 5), defendendo por isso um sistema teoricamente menos comprometido:

[...] systema da língua Portugueza assentado na base da Grammatica Geral, cujos princípios applicarei ás regras introduzidas pelo uso, não do povo miúdo, mas por aquelle outro que muitas vezes tem occasião de admirar em pessoas pertencentes ás Classes Superiores da Sociedade. As palavras de que todos usam, são ordinariamente as mesmas; porem o modo de usar dellas he ás vezes muito differente. Franquear a todos o meio de chegar ao mesmo grão de perfeição no manejo da mesma lingua, foi o objecto deste meu trabalho, que submetto ajuízo Publico (Albuquerque 1820: 11-12).

Guedes de Albuquerque, para quem a gramática filosófica constituía o “remate dos estudos”, defende que a dimensão filosófica, vale dizer, ideológica, devido à sua complexidade, excedia o âmbito de uma iniciação gramatical, motivo por que critica quantos acorreram ao certame académico sem possuírem preparo filosófico e, sobretudo, sem ponderarem a repercussão da “nova Theoria das Línguas” na formação da mocidade. Acrescente-se que os Ideólogos foram perseguidos em França, onde eram considerados perigosos, revolucionários e subversivos. Se a Ideologia servia, na perspectiva do *Mestre Guedes*, principalmente aos objectivos de uma ‘gramática geral’, à formação dos jovens prestava melhor serviço a ‘gramática particular’, que deveria obedecer aos seguintes requisitos:

[...] observar as origens da lingua, procurar o fundamento das suas regras, illustrar estes princípios com o uso e exemplo dos melhores Authores, e aproveitar até os erros em que ás vezes cahirão, he obrigação de quem se propõe a fazer huma Grammatica particular (Albuquerque 1820: 9).

---

<sup>14</sup> A esse propósito, esclarece o Guedes Albuquerque: “Quero que a Grammatica abranja todos os conhecimentos humanos, já que ella he a sciencia de seus signaes, por onde temos e communicamos aos outros, sempre he innegavel que, se nas artes a Authoridade he a guia dos principiantes, he principalmente nesta; primeiro que se lhe chegue ao supremo grão, he indispensavel começar pelo Alphabeto com o Mestre ou a Mestra” (Albuquerque 1820: 7).



Que as reservas do *Mestre Guedes* à gramática ideológica em contexto pedagógico-didático eram essencialmente de ordem filosófica e religiosa, é o que se conclui do seguinte passo:

Para isso he necessario estar inteirado nos princípios da Grammatica Geral; porém isto não quer dizer que, para dar á Mocidade Portugueza huma boa Grammatica da sua lingua, seja preciso mostrar-lhe penosa e dilatadamente, á imitação dos Ideologistas, como as línguas se formarião naturalmente, principando pelas Impressões que nos fazem os objectos exteriores pelo órgão dos sentidos, quero dizer as idéas que deixão em nós, até chegar á linguagem d'acção, hum dos meios de as manifestar, passando dalli á Interjeição, e desenvolvendo esta em Proposição ou expressão de hum juízo, cousas essas todas de que Mocidade, que frequenta as Escolas, não tem que fazer; podem-se muito bem evitar essas difficuldades entrando na carreira ao clarão da tocha da Revelação (Albuquerque 1820: 9).

Para lá das diferentes posições quanto à Ideologia, o que separa Lemos do *Mestre Guedes* é a doutrina que este, desatendendo a lição de gramáticos franceses e portugueses, expôs na sua gramática:

Mas depois que apparecêraõ, e setem vulgarisado as Grammaticas Ge-raes e Filosoficas de Port-Royal; Girard; Harris; Du Marsais; Duclos; Beauzé; Condillac; Court de Gebelin; e outros doutissimos e celeberrimos Herões, cujas doutrinas nos tem já sido sabiamente comunicadas pelos nossos sapientissimos Grammaticos, Manoel Dias de Sousa, Jeronymo Soares Barbosa, Deputado da Real Junta Geral dos Estudos da Universidade de Coimbra, e outros he sem duvida para notar-se que o nosso Author Sebastião José Guedes de Albuquerque se atrevesse a dar á luz huma Grammatica Portugueza, que, longe de esclarecer e reduzir as doutrinas destes a hum methodo mais claro e fácil fugindo a Methafisicas, nos apresenta principios falsos, e regras defeituosas, e não accomodadas á capacidade de hum Menino, que por ellas tem de regular-se (Lemos 1820: VIII).

Nas vinte e duas *Reflexões críticas* que tece no *Desagravo da Grammatica*, Lemos esmiúça vários pontos da doutrina do *Mestre Guedes*, assinalando aqueles em que este gramático, apesar de conhecer a gramática filosófica, não segue princípios consonantes com essa orientação. Em tais *Reflexões* revela-se o filosofismo gramatical<sup>15</sup> e, em particular, o 'sensismo' do polemista, para quem

---

<sup>15</sup> A fundamentação da gramática segundo princípios lógicos ou filosóficos também se manifestava na *Grammatica Elementar da Língua Latina por Systema philosophico* (1822), onde Lemos aponta os nomes de Vossius, Sanches, Perizônio, Linacro e Verney, destacando ainda Port-Royal, Du Marsais, Girard, Beauzée e Gebelin. Entre as fontes portuguesas, salienta António Pereira

Condillac era um exemplo a seguir pelos autores portugueses em matéria de construção e de coordenação do período:

Condillac nos adverte sobre hum tão importante objecto, e nos offerece diversos exemplos de Escritores famosos, huns de construcção exacta, para os imitarmos; e outros na construcção viciosa, para os não seguirmos.

Na verdade que se se agora houvesse em Portugal hum Condillac, que desse a escrever sobre estas matérias, não se esqueceria daquelle período, quando pertendesse mostrar qual he a construcção viciosa, e embaraçada, de que todos devem fugir (Lemos 1820: 82).

O elenco dos assuntos tratados por Lemos nas *Reflexões Críticas sobre a Grammatica Portuguesa* traduz os pontos nevrálgicos da polémica:

Reflexão I – Número das partes do discurso. Para Guedes são sete; para Lemos, dez, sendo que este inclui o artigo, o pronome e o participio.

Reflexão II – Definição de nome. Lemos discute a definição de Guedes.

Reflexão III – Artigo. Com 5 páginas, é uma das Reflexões mais extensas. Invocando o Genuense, Lemos refuta a doutrina do *Mestre Guedes* que situava o artigo entre os adjectivos determinativos.

Reflexão IV – Determinação (inexistência de casos em Português). Lemos condena Guedes pela não identificação os vários tipos de relação entre proposições: subjectiva, vocativa, restritiva, terminativa, completiva ou objectiva e circumstantial.

Reflexão V – Definição de adjectivo. O autor das *Reflexões* recrimina o Mestre Guedes pela inexactidão da definição.

Reflexão VI – Adjectivos explicativos, restritivos e determinativos. Lemos acusa Guedes Albuquerque de apenas identificar os dois primeiros.

Reflexão VII – *Hum, huma*. O polemista discute se tais palavras são adjectivos ou artigos.

Reflexão VIII e Reflexão IX – Pronomes pessoais. Lemos condena o tratamento superficial desta classe de palavras na gramática de Guedes, discorre sobre a natureza desses pronomes.

Reflexão X – Noção de complemento. Rejeitando a terminologia do *Mestre Guedes*, cuja doutrina incluía o “agente” e o “regime”, Lemos defende a teoria dos complementos.

Reflexão XI – Pessoal gramatical. O autor das *Reflexões* assinala as imprecisões da doutrina de Guedes sobre este assunto.

de Figueiredo, Félix Mendes, Dantas, Maia, Mello, Jerónimo Soares Barbosa, sem descartar, porém, outros de distinta linhagem: Manuel Álvares, Madureira Feijó e António Franco.

Reflexão XII – Futuro. Abreu e Lemos critica Guedes para quem o futuro (tereí, defenderei...) é um tempo composto.

Reflexão XIII – Particípio. Lemos alonga-se no particípio, ao qual Guedes dera um tratamento escasso.

Reflexão XIV – Definição de palavra reflexiva. O polemista detém-se na partícula *se* e na sua natureza.

Reflexão XV – Sujeito. Lemos discute a terminologia do Mestre Guedes, que usa o termo Nominativo.

Reflexão XVI – Infinitivo pessoal. Numa das mais extensas Reflexões (9 páginas), o autor do *Desagravo* discorda da doutrina da *Grammatica Portugueza*, onde o infinitivo pessoal era descrito por referência à elipse.

Reflexão XVII e Reflexão XVIII – Elipse. A propósito da elipse e do anacoluto, o polemista demora-se na análise do conceito de “construção”.

Reflexão XIX – Concordância gramatical. Lemos critica em Guedes a escassez doutrinal sobre a concordância.

Reflexão XX – Noção de proposição. Na mais extensa de todas as suas *Reflexões Críticas* (13 páginas), discorre Lemos sobre os critérios de identificação das proposições, refutando a doutrina do *Mestre Guedes* a respeito das principais, subordinadas e incidentes.

Reflexão XXI – Preposições. Lemos discute a definição apontada por Guedes.

Reflexão XXII – Construção do período. Como corolário das *Reflexões*, Lemos critica Guedes pela falta de clareza expositiva da *Grammatica Portugueza*.

#### **4. Desagravo: o discurso da polémica**

A polémica<sup>16</sup> define-se pelo confronto de posições mas caracteriza-se igualmente por marcas e estratégias – semânticas, enunciativas e argumentativas – inerentes a um género que intrinsecamente comporta um referencial bélico. A polémica pressupõe, no mínimo, dois antagonistas que esgrimem teorias ou pontos de vista contrários, numa disputa em que ambos recorrem a um arse-

---

<sup>16</sup> Integrada na nomenclatura portuguesa desde 1720, a palavra “polémica” remetia, na sua origem, para o campo da guerra, da arquitectura militar (Bluteau 1720: 574). Para Bluteau, embora a palavra devesse ser admitida na língua portuguesa, não se encontrava ainda em muitos autores portugueses. Insira-se aqui um parêntesis para sublinhar que, não obstante figurar em Bluteau, o Dicionário Houaiss (2001) desatendeu tal abonação, situando a palavra na obra de Alexandre Herculano (1846-1853). Ainda em Houaiss (2001), o adjectivo “polémico” tem 1789 como 1ª datação, antedatação que assenta na 1ª edição do dicionário de Morais Silva.

nal retórico e argumentativo apoiado em figuras como a ironia, a metáfora, a comparação, a hipérbole, a interrogação e a exclamação. A contra-argumentação de cada um visa não só atacar o outro, exibindo as debilidades dos seus argumentos, mas também convencer o leitor, que não raro é chamado a dirimir a contenda sancionando uma das posições em confronto. Como género discursivo, a polémica distingue-se, desde logo, pela assunção explícita do conflito no frontispício das obras, conforme mostram os títulos de Lemos e do *Mestre Guedes*. A propósito deste, note-se que o autor do *Desagravo*, aparentando enaltecê-lo com tal tratamento, na verdade pretende rebaixá-lo. De facto, quer a amplificação quer a menorização dos méritos do adversário são estratégias que visam a desvalorização da sua doutrina. Como toda a metáfora lexicalizada, a polémica possibilita a construção de múltiplos sentidos no terreno da refrega ideológica, porquanto os intervenientes, pela retomada das palavras do outro, refutam as suas ideias, criando “um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase [...]” (Orlandi 1996: 24).

Alguns exemplos bastarão para ilustrar quer a assunção da conflitualidade, quer o jogo retórico-argumentativo dos antagonistas da polémica do *Desagravo*.

**Abreu de Lemos**

*Desagravo da Grammatica*

...julgou de pouca monta aquelles saudaveis conselhos, e se deo toda a pressa em publicar a sua Grammatica..

...nos apresenta principios falsos, e regras defeituosas, e não accommodadas á capacidade de hum Menino...

Ah, Genuense, Genuense, quão pouco apreço de tuas doutrinas fez o nosso Autor !

O nosso eruditissimo Author...

Deixou-se persuadir deste erro, por não attender aos principios verdadeiros..

O nosso A. profere asserções, com se destroem com os mesmos exemplos, com que pretende comprovallas...

Nesta nota pertende o nosso A. enriquecer-nos com huma nova descoberta, e engenhoso invento.

**Guedes de Albuquerque**

*Réplica ao Desagravo/Resposta á Tréplica*

...discussão polémica...

...meu benevolo antagonista...

...foi quanto bastou para assanhar-se o Campeão da Grammatica...

...diz elle com toda a ridicula seriedade do pedantismo..

...a enfadonha profusão de suas ironias amargosas...

He supérfluo reparar na MÁ FÉ, com que o Critico supõe...

... o Critico me arme huma trapaçaria...

‘Desagravo’ da gramática portuguesa (1820-1824) – Contribuições para uma historiografia das polémicas gramaticais em Portugal

Mas á vista da descoberta do nosso eruditissimo Author está quasi desvanecida a nossa persuasão.	Desta vez sim, foi que contribui ao divertimento do Publico.
...e se he produção propria de seu illustrado engenho, faça-nos huma demonstração mais circumstanciada, e mais evidente, para assim podermos seguir sem receio a nova doutrina, que nos propõe...	O Critico na reflexão XVII me ataca...
Melhor fora que o nosso A. applicasse a si mesmo o que aqui imputa, e quer aplicar aos outros.	De raivoso dá em si cada dentada, que se não excitasse a compaixão, excitaria o riso. Quer morder, e não acha em que pregar dente.
Não posso deixar em silencio a inconsequencia, e falta de exactidão da doutrina do nosso Author...	Como porém elle está aferrado á mentira, de balde se procuraria arrancar-lhe da boca a confissão da verdade, e de sua derrota.

O discurso polémico chama ainda a atenção pelo estilo ou tom jocoso. Lançada como ‘desagravo’, esta polémica visa, pelo lado de Lemos, reparar a ofensa cometida contra a gramática geral, modelo teórico hegemónico, ao passo que Guedes Albuquerque procura sustentar a doutrina criticada, consoante mostra um passo em que, ridicularizando o antagonista, tenta convocar o leitor a seu favor:

À vista do *Desagravo da Grammatica*, dir-se-hia que se acabara de commetter algum delicto horrendo, capaz de comprometter a segurança publica, no caso que não se lhe atalhassem as funestas consequencias; e, sabidas as contas, não era nada, senão *pruido em hum amigo da litteratura*, para armar questões de nome; e tal pruido que, desattendendo ás sólidas razões por elle deduzidas contra si mesmo, se apressou a publicar a sua propria condemnação (Guedes 1821: 1).

Inerente ao código do texto preambular, a *captatio benevolentia* fazia (faz) parte dos artificios dirigidos ao leitor, no suposto de que o vencedor será quem melhor souber convencê-lo da bondade ou justeza dos seus argumentos, motivo por que o *Mestre Guedes* (1821: 1), vendo no contra-ataque a melhor defesa, a ele se dirige nos seguintes termos:

Pela impressão entreguei nas mãos do respeitavel Publico a sorte da minha obra, boa ou má. A escolha que elle fizer, decidirá a questão entre nós, adoptando-a, se for do seu agrado, ou tratando com a mesma indifferença as reflexões criticas, e o que faz o objecto dellas.

A pretexto desse respeito pelo leitor, Guedes mantém o seu ponto de vista, o que constitui outra das marcas da polémica. Com efeito, os antagonistas reafirmam a respectiva posição extremando a argumentação ao ponto de ser impossível a vitória de um sobre o outro. Em última instância, quem parte para uma polémica gramatical não espera convencer o adversário, nem que este reconheça os erros ou as falhas da sua doutrina, antes procura enaltecer a sua pelo rebaixamento do oponente. Assim, não é de estranhar que Guedes (1822: 3-4) redobre a modéstia para seduzir o leitor da sua *Replica ao Desagravo da Grammatica*:

O Profundo respeito que sempre professei ao Publico, a cujo submetti a minha Grammatica Portugueza, não me permittia o mais leve descuido em fazer desaparecer, quanto me cabia no possível, qualquer imperfeição capaz de desmerecer a sua judiciousa approvação, que junta aos interesses da geração nascente, foi o alvo de meu trabalho; assim como não me permite agora, na sua justificação, que se encaminha ao mesmo fim, desabafar os sentimentos, que me suggerio a lição das reflexões criticas de hum pretendido amigo da Litteratura. Não me pertence julgar as suas intenções; serão puras, como elle o quer insinuar, se bem que custa ao Leitor imparcial capacitar-se disso, á vista de seu modo de proceder. Empreheendi simplificar a arte, diminuindo a imitação de outros muitos Grammaticos, o numero dos termos technicos, que se podem escusar, e evitando a Metaphysica, que os Meninos não entendem. Foi quanto bastou para assanhar o Campeão da Grammatica.

## 5. Nota final

A polémica entre Abreu e Lemos, autor do *Desagravo da Grammatica*, e Guedes de Albuquerque, autor da *Grammatica Portugueza*, embora pareça um episódio menor da gramaticografia portuguesa, merecerá um lugar entre as polémicas gramaticais portuguesas, pois revela aspectos da recepção da *grammaire générale* formatada pela *idéologie*, corrente de pensamento filosófico e linguístico que impregnou as gramáticas europeias nas primeiras décadas de Oitocentos. Por outro lado, importa realçar que as polémicas metagramaticais, salvo a relativa à gramática latina, têm sido pouco estudadas nas suas várias dimensões: linguísticas, metalinguísticas, discursivas, pragmáticas e historiográficas.

Por último, é de realçar que a polémica aqui descrita tem interesse não apenas porque dela se não tinha notícia na Historiografia do Português mas também porque evidencia as muitas lacunas do conhecimento sobre uma tradição gramatical que ainda encerra algumas surpresas. Se ninguém ignora

quais são e qual é o valor dos textos maiores da tradição, em especial dos que estiveram no centro de polémicas mais ou menos longas ou intensas, trata-se agora de recuperar a memória textual esquecida ou desconhecida, uma vez que o acesso às fontes continua a ser um entrave ao estudo da tradição portuguesa, para cujo conhecimento contribuirão estas breves notas sobre o 'desagravo' da nossa gramática.

### Referências

- Albuquerque, S. J. G. de. 1818. *Arte de traduzir de latim para portuguez, reduzida a principios*. Lisboa: Imprensa Regia.
- Albuquerque, S. J. G. de. 1820. *Grammatica portugueza para o uso do illustrissimo Senhor D. Francisco de Sales e Lencastre*. Lisboa: Imprensa Regia.
- Albuquerque, S. J. G. de. 1821. *Replica ao desagravo da grammica*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Albuquerque, S. J. G. de. 1822. *Resposta à treplica sobre a Replica ao desagravo da grammica*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Andrade, A. A. B. de. 1982. *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Alvará de 30 de Setembro de 1770. In: *Collecção das Leys, Decretos e Alvarás que comprehende o Feliz Reinado del Rey Fidellissimo D. Jozé o I. Desde o anno de 1750 de nosso Senhor até o fim de Março de 1760*. Lisboa: Na Off. de Miguel Rodrigues.
- Arrivé, M.; Chevalier, J.-C. 1975. *La grammaire. Lectures*. Paris : Klincksieck.
- Barbosa, J. S. 1807. *As Duas Linguas ou Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa comparada com a Latina para ambas se aprenderem ao mesmo tempo*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade.
- Barbosa, J. S. 1822. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á nossa Linguagem*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias.
- Baum, R. 1982. La grammaire idéologique et sa place dans l'histoire de la grammaire philosophique. *Histoire Epistémologie Langage – HEL*, vol. 4, Fasc. nº 1, 23-33.
- Bluteau, Rafael. 1713. *Vocabulario Portuguez e Latino*, t 3. Coimbra: Na Off. do Real Collegio das Artes da Companhia.
- Cardoso, S. (comp. e org.).1994. *Historiografia gramatical (1500-1920). Língua Portuguesa – Autores Portugueses*. Porto: Faculdade de Letras.
- Condillac, E. B. de 1947[1746]. *Oeuvres philosophiques*. Ed. Georges L Roy, vol. 1. Paris: Presses Universitaires de France.
- Costa, Maria Helena Teves. 1979. Livros escolares de Latim e Grego adoptados pela

- reforma pombalina dos Estudos Menores. In: *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIV. Paris, 287-329.
- Delesalle, S.; Chevalier, J.-C. 1986. *La linguistique, la grammaire et l'école. 1750-1914*. Paris: Armand Colin.
- Désirat, C. 2000. Le programme des idéologues. In : S. Auroux (dir), *Histoire des idées linguistiques*, 3. Liège-Bruxelles: Mardaga, 263-277.
- Freire, António. 1964. A «Gramática latina» do padre Manuel Álvares e seus impugnadores. In: V. Nemésio (org.), *As grandes polémicas portuguesas*. Lisboa: Verbo, 335-389.
- Gaioso, I. X. 1823. *Elaboração antilógica ou grammatica das grammaticas portugueza e universal. Divertimento suscitado sobre o Desagravo da grammatica*. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando.
- Gaioso, I. X. 1824. *Elaboração antilógica 3º ponto, sobre o prefacio do Desagravo da Grammatica [...]*. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando.
- Gonçalves, M. F. 1996. A Gramática Filosófica de João Crisóstomo do Couto e Melo (1818). In: *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Em Homenagem a Ferdinand de Saussure*. Vigo: Associação Galega da Língua, 79-91.
- Gonçalves, M. F. 2006a. As ideias pedagógicas e linguísticas de António Pereira de Figueiredo: os manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora. In: W. Thielemann (ed.). *Século das Luzes – Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata*. Frankfurt am Main: TFM, 133-152.
- Gonçalves, M. F. 2006b. Iluminismo e pensamento linguístico em Portugal: o exemplo das gramáticas filosóficas. In: *VII Congrès de Linguística General* (18 al 21 diábril de 2006). Barcelona: Universitat de Barcelona, 18pp. CDrom. ISBN84-475-2089-8
- Gonçalves, M. F. 2009a. Revisitando as ideias linguísticas de João Crisóstomo e Melo. In: M. F. Gonçalves (coord.). *500 Anos de Língua Portuguesa* (Actas). Lisboa: Edições Cosmos (no prelo).
- Gonçalves, M. F. 2009b. Ideas pedagógicas y lingüísticas en el liberalismo portugués: algunos apuntes. In: *Actas del VI Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Cádiz, 10pp. (no prelo).
- Hassler, Gerda. 2006. Dois Antídotos da língua no Século XVIII. In: W. Thielemann (ed.). *Século das Luzes – Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata*. Frankfurt am Main: TFM, 117-131.
- Joly, André. 1977. La linguistique cartésienne : une erreur mémorable. In: A. Joly et Stéfani, J. (présent. de): *La grammaire générale. Des Modistes aux Idéologues*. Lille: Publications de l'Université de Lille II, 165-199.
- Lemos, J. J. C. de A. e. 1820. *O Desagravo da Grammatica, ou Reflexões sobre a Grammatica Portugueza*. Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- Lemos J. J. de C. A. e. 1822. *Grammatica Elementar da Língua Latina, por Systema Philosophico*. Lisboa: Typ. de Antonio Rodrigues Galhardo.



'Desagravo' da gramática portuguesa (1820-1824) – Contribuições para uma historiografia das polémicas gramaticais em Portugal

- Lemos, J. José C. de A. e. 1822. *Sustentação do Desagravo da Grammatica, contra a resposta e mais arrazoados de Sebastião José Guedes de Albuquerque*. Lisboa: Na Officina de António Rodrigues Galhardo.
- Lima, Ebion. 1981. Os Oratorianos e a polémica da gramática latina no século XVIII. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. 36: 57-72
- Melo, J. C. do C. e. 1818. *Gramática Filosófica da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Régia.
- Moura, V. G. de 1823. *Noticia succinta dos monumentos da língua latina e dos subsídios para o estudo da mesma*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Orlandi, E. P. 1996. *Discurso e leitura*. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Schäfer, B. 1991. Contribution à la grammaire idéologique au Portugal. In: B. Schlieben-Lange et al. (org.). *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der 'idéologie'*. Band 2. Münster : Nodus Publikationen, 101-117.
- Schäfer, B. 1994. 'A escola sensualista passou de moda': Die französischen Ideologen bei Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo. In: B. Schlieben-Lange et al. (org.). *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der 'idéologie'*. Band 4. Münster: Nodus Publikationen, 209-221.
- Serrão, J. 1992. Liberalismo. In: J. Serrão (dir.): *Dicionário de História de Portugal*, III. Porto: Livraria Figueirinhas, 508-517.
- Silva, I. F. da S. 1858-1923. *Diccionario bibliographico portuguez. Estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil*, 23 vols. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Torres, A. 1998. Introdução. *Parvum Lexicon de António Pereira de Figueiredo*. Reprodução fac-similada da edição princeps de 1760 com introdução e notas por [...]. Braga: Edições Humanitas, 17-48.
- Verdelho, T. dos S. (1981): *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.

Anexo 1

GRAMMATICA PORTUGUEZA

FARA O USO

DO

ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE SALES E LENCASTRE, L.

ORDENADA

POR

S. J. G. A.

606

---

*Quid voveat dulci nutricula majus alumno  
Quàm sapere et fari possit quid sentiat ?  
Horat. Lib. 1. epist. 4.*

---

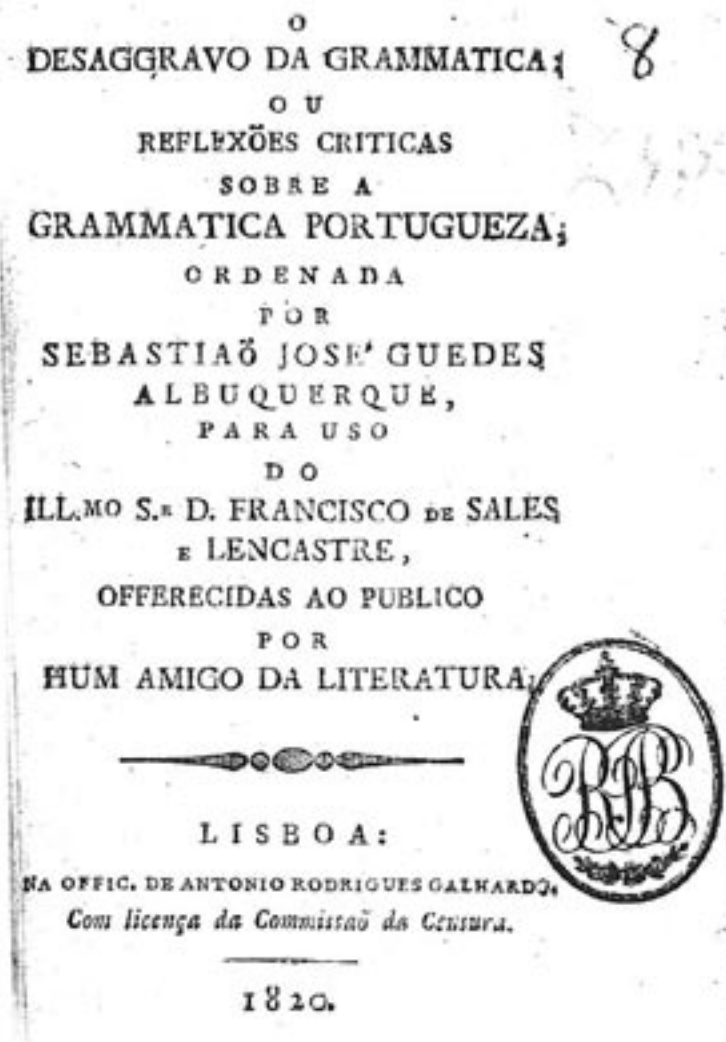


LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1820.

Com licença.

Anexo 2



Anexo 3

( 3 )

---

R'ÉPLICA

AO

DESAGGRAVO DA GRAMMATICA:

*Grammatici certant, et adhuc sub iudice lis est!*

O Profundo respeito que sempre professei ao Publico, a cujo juizo submetti a minha Grammatica Portugueza, não me permitia o mais leve descuido em fazer desaparecer della, quanto me cabia no possível, qualquer imperfeição capaz de desmerecer a sua judiciosa approvação, que junta aos interesse da geração nascente, foi o alvo de meu trabalho; assim como não me permite agora, na sua justificação, que se encaminha ao mesmo fim, desabafar os sentimentos, que me suggerio a lição das *reflexões criticas de hum pretendido* amigo de litteratura. Não me pertence julgar as suas intenções; serão puras, como elle o quer insinuar, se bem que custa ao Leitor imparcial capacitar-se disso, á vista de seu modo de proceder. Empreheendi simplificar a arte, diminuindo, á imitação

\* 2

Anexo 4

RESPOSTA Á TREP LICA  
SOBRE A RÉPLICA

A O

DESAGGRAVO DA GRAMMATICÁ.

*Nunquãẽm hodiẽ effugies, veniam quòcumquẽ  
vocãris.*

**S**E meu Antagonista mostrasse no sêu procedimento aquella urbanidade que he de esperar se ache em quem se dá por Amigo da Literatura, levando a discussão que suscitou, com os terminos inviolavelmente guardados em casos desta natureza entre pessoas que tem algum uso do Mundo; poder-se-hia acreditar até certo ponto a pureza de suas intenções ao entrar na contenda actual, sem maior consideração no que emprehendia, tornar-se-hia interessante, e fosse qual fosse o fim do litigio, sempre lhe ficaria hum tal qual titulo ao agradecimento devido á sua boa vontade, ainda que frustrada nos seus effeitos. Mas dominado de huma paixão desenfreada, rompeo por todos os foros da decência, unicamente para satisfaze-la. Até no frontispicio da minha Grammatica achou que reprehender ao annuncio de não sei que, que logo deo lugar á engenhosa applicação do parto da montanha que se lê pag. 2 do *Desaggravõ*.

Ufano de tão feliz lembrança, na embriaguez de sua alegria, entra a queimar in-

cent

Anexo 5

2.  
264

**GRAMMATICA ELEMENTAR**  
D A  
**LINGUA LATINA**  
P O R  
**SYSTEMA FILOSOFICO,**

COM HUM APPENDIX, QUE CONTEM TRES TRATADOS;  
1.º DE ANALYSE GRAMMATICAL;  
2.º DE REGRAS PARA TRADUZIR DE LATIM  
PARA PORTUGUEZ;  
E 3.º PARA A COMPOZIÇÃO LATINA:  
OFFERECIDA  
AO ILLMO E EXMO  
Sr. SEBASTIAO JOSE DE CARVALHO,  
MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS  
DA FAZENDA, PRESIDENTE DO THEOURO  
PUBLICO NACIONAL;  
E O R D E N A D A  
P O R  
JOAQUIM JOSE DE CAMPOS ABREU E LEMOS,  
PROFESSOR DE LATINIDADE.

—X—

L I S B O A :  
NA TYPOGRAP. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,

1822.

